

Resenha

Nós, os humanos

(BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Nós, os humanos do mundo à vida, da vida à cultura**. São Paulo: Cortez, 2015).

Evellin Natasha Figueiredo da CONCEIÇÃO¹

O livro “*Nós, os humanos do mundo à vida, da vida à cultura*” é resultado das proposições de Carlos Rodrigues Brandão, a partir de um olhar antropológico acerca da evolução humana e a consequente inserção do homem no contexto social, de modo que o próprio autor, no prefácio da obra, enfatiza a importância de um convívio e um olhar atento para as dinâmicas das mais diversas estruturas sociais: “devo dizer que tudo o que escrevo aqui foi aprendido junto a outras pessoas” (p.16).

Intitulado “Aqui, muito antes de nós... O que havia antes de havermos chegado até aqui?”, o primeiro capítulo aborda os principais aspectos relacionados à evolução da vida no planeta. O autor faz uma espécie de linha do tempo evolutiva, de modo a apresentar ao leitor o modo como a vida no universo se modificou até o momento da gênese da espécie humana.

É importante destacar que o autor diferencia o homem dos animais atribuindo uma característica bastante singular e própria deste que é o fato de que “aprende não apenas em trocas com o meio ambiente, mas também e principalmente através de interações carregadas de sentido, de sentimento, de sociabilidade, de motivação e de aprendizado” (p.39). Nessa perspectiva, considera-se que o domínio do simbólico e da linguagem proporciona as primeiras coletividades humanas.

No segundo capítulo “Nós, os humanos”, Brandão analisa o modo que se deu a evolução específica do homem, citando os primeiros primatas até chegar ao *Homo Sapiens Sapiens*. Um ponto relevante ressaltado pelo autor é o fato de que “milhões de

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará. Endereço eletrônico: evellinnatasha09@gmail.com.

anos depois dos primeiros ancestrais do homem terem saído do chão firme para as árvores, os nossos ancestrais mais próximos desceram delas para terra firme mais uma vez” (p.54). Deste modo, têm-se mãos que perdem em agilidade, mas ganham em habilidade e, portanto, os humanos são seres que possuem uma mão propícia à carícia e à ternura.

Ao descer das árvores, o homem teve que aprender a buscar alimentos onde quer que fosse. Isto proporcionou o cruzamento de alimentos vegetais de fácil coleta com a busca incessante por carne, de modo que este aspecto o conduziu a uma inevitável necessidade de distribuir entre homens e mulheres as atividades destinadas à obtenção e preparo de alimentos e a um crescente aprendizado na cooperação, que por sua vez ampliou o grau de socialização existente. Outro aspecto interessante levantado pelo autor é o sentimento de partilha que a coleta de carne proporcionou, uma vez que se constitui em um alimento de maior concentração e suscita tal necessidade. Logo, a adoção da partilha de alimentos favoreceu o desenvolvimento da linguagem, a reciprocidade social e o intelecto.

O autor conduz a discussão proposta no parágrafo anterior à formação da cultura humana, identificando-a como a própria natureza realizada, ou seja, acredita que as transformações empreendidas pelos homens na natureza podem ser identificadas como os aspectos culturais que norteiam as estruturas sociais compartilhadas por estes seres: “A natureza é o mundo que somos, de quem somos parte, e é também o mundo em que nos é dado viver. A cultura é o mundo que transformamos da natureza, em nós à nossa volta e por nós” (p.68). Logo, considera-se que o homem cria seu próprio mundo e o dota de identidades e significados, em um contexto utilitariamente fragmentado entre territórios, seres e objetos a serem apropriados e transformados de acordo com seus desejos e necessidades.

“O artesão do oitavo dia: o trabalho de criar um mundo humano”, o capítulo três aponta os elementos centrais que ajudaram na socialização do homem e o modo como a cultura é criada e, conseqüentemente, singularizada. O autor ressalta, sobretudo, as transformações no que concerne à perda de saberes instintivos, que só foram possíveis

devido ao ganho crescente de áreas e interações cerebrais desenvolvidas de maneira extraordinária.

Um elemento relevante ressaltado por Brandão é o fato de o homem ser um eterno aprendiz, que tem completa consciência de sua capacidade de reflexão. Diferente do animal, que vive o presente e tem uma ação puramente instintiva, o ser humano age sobre o mundo de forma reflexa. Neste contexto, a cultura aparece justamente como a diferença entre o fazer reflexo e o criar reflexivo dos humanos.

Neste prisma, a natureza transformada pelo homem é um mundo intencional e inteligentemente gerado, no qual socializar a natureza implica em criar um mundo de cultura. A cultura é um contexto, um acontecer da vida humana transformada naquilo que a torna compreensível e comunicável, formando um sistema entrelaçado de signos interpretáveis. Destaca-se que há uma estreita associação de leis biológicas do código genético da espécie humana a sistemas, códigos e gramáticas de regras sociais e, portanto, a passagem cultural da lei para a regra representa o trânsito do domínio animal da natureza para a cultura.

Intitulado “Ser humano, ser recíproco: o dilema da experiência humana”, o capítulo quatro é centrado na discussão a respeito da afetividade que norteia os laços humanos. O autor cita o exemplo do elo entre pais e filhos, carregado por uma carga gratuita e voluntária de afeto.

Brandão considera que o homem é um animal incompleto e inacabado que se completa através da cultura e isso só é possível devido à extrema dependência de uma espécie de aprendizado, o que proporciona uma espécie de conectividade cultural, entre nós, considerando que relacionamentos aparentemente pessoais e voluntários estão sempre regidos por princípios de reciprocidade e preceitos de troca. Logo, propõe a compreensão dos fundamentos mais humanamente profundos da ideia de reciprocidade, compreendendo-a como sistemas culturais de reconhecimento de si mesmo e do outro, que resultam em sistemas simbólicos de atribuição de identidade.

O autor considera que a capacidade de adquirir cultura se dá prioritariamente por meio da aprendizagem em seu sentido mais ancestralmente humana e humanizadora,

como a capacidade de sair de si mesmo e abrir-se ao outro. Logo, a educação é identificada como sistemas sociais de partilha de saber.

“De um olhar a outro: outras viagens por caminhos já percorridos entre Paleontologia e a Antropologia”, o quinto capítulo discute acerca de uma possível definição acerca do termo cultura. Deste modo, o autor afirma que não existe um consenso entre os antropólogos e paleontólogos a respeito de como a cultura pode ser definida e compreendida. Brandão destaca que, não sendo dotado adequadamente pela própria natureza para o exercício individual e coletivo, o homem precisa agir sobre ela de forma inteligente e intencional e isso gera uma necessidade de existir em coletividades, que suscitam formas cada vez mais complexas de vida social.

Desta forma, são apresentados dois eixos fundamentais para a compreensão da cultura: o material e o espiritual. O autor é categórico ao avaliar que cultura tem sido considerada mais pelo seu valor no que “diz” do que pelo o que “faz”, e se opõe a esse modelo de visão. Há, portanto, uma reação a uma visão funcional demais e bastante “biologista” a respeito da cultura, com o deslocamento do “feito” para o “fazer”.

“Igualdade e diferença: As culturas, os saberes e as artes minhas e dos outros”, o sexto capítulo é importantíssimo na discussão proposta pelo autor, pois considera a relação das pessoas com as suas culturas e com as que estão ao seu redor. É interessante ressaltar que na parte introdutória deste capítulo o autor apresenta vários tipos de orações das mais diversas épocas e religiões, todas com o objetivo de se aproximar de um ser superior e conclui que tais preces se misturam umas as outras. Outro ponto enfatizado é o fato de a agricultura ser a mais importante e persistente de todas as transformações da realidade, uma vez que é a partir da agricultura e sua possibilidade de fixar o homem em determinado território, que se criam as primeiras civilizações.

Nesta ótica, o autor considera que não há como falar sobre desigualdades entre culturas, escala de “evolução”, “atraso” ou julgar determinada cultura como algo primitivo, admitindo que cada cultura possui uma coerência interna em todos os seus planos e em todas as suas dimensões de realização. Neste sentido, não há motivos para classificar as culturas dos diferentes povos da terra segundo qualquer escala hierárquica. Existem diferentes tradições culturais e essa diferença não é um acidente transitório a

superar. Ela é a própria realização de uma vocação humana à liberdade, na criação contínua da diversidade das experiências humanas de vida e de sentido de vida.

“Existir, evoluir, transcender, ser mais: a vocação do ser humano”, o sétimo e último capítulo discute acerca de concepções para a gênese da existência de todas as coisas que povoam a Terra. O autor cita o sistema antrópico, que defende a ideia de que tudo se deu devido a mera sucessão de acasos e azares, mas a teoria que é mais enfatizada por Brandão é a hipótese de Gaia, que apresenta a Terra não só como capaz de abrigar a vida, mas como sendo ela própria um ser vivo, uma vez que tudo que existe interage. Esta afirmação leva a discussão a respeito da “Lei da Complexidade da Consciência”, em que tudo que há converge e tudo que converge ascende e, portanto, evolui. Neste sentido, a vida é o resultado inevitável da complexificação da matéria-energia (de dentro para fora).

Logo, a vida é o salto que a matéria realiza sobre si mesma e esse é um dos pontos mais interessantes e originais existentes no livro. Não é um salto apenas para adiante, mas um salto para dentro. Brandão considera que o destino do homem na terra é algo que depende do interior da pessoa, em uma espiritualização do todo e de nós mesmos – seres que ao se transformarem transcendem a si mesmos em uma ampliação crescente de uma vocação à busca do outro, um lugar onde a plenitude da vida seja imersa no amor.

Neste contexto, somente com e o no outro podemos encontrar a nossa própria culminância na terra. O autor finaliza alertando de que uma nova era se aproxima que ele chama de Noosfera, onde a espiritualização e amorosidade sejam princípios norteadores. Diz ainda que não há mais o que revolucionar na face exterior na natureza e das culturas e que o mundo precisa de uma revolução interior, com uma construção pessoal e solidariamente coletiva.